
- **COMO A SEMIÓTICA VÊ AS PAIXÕES?**

Coordenador(a): *Tieko Yamaguchi Miyazaki*

Compõem esta mesa quatro comunicações, cujo tema central é a paixão, vista da perspectiva semiótica greimasiana. Esta concebe, no discurso, as dimensões pragmáticas, cognitivas e passionais, respectivamente modalizadas pelo fazer, saber e sentir, que correspondem a um sujeito da ação, um sujeito cognitivo e outro passional. É neste último que incidem as três análises de Seqüência, Estória nº 3 e A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa, e a

comparação entre Sabiá, de Tom Jobim e Chico Buarque, e O martelo, de Manuel Bandeira. A primeira reflete sobre a crise de modalidades e a combinatória complexa que pontua um Sujeito virtual. Em Estória nº3 se discute a paixão do medo, diferenciando-a de qualquer outro comportamento passional. Demonstrar como o “eu”, no presente da enunciação, é um sujeito cognitivo que se percebe esvaziado em relação ao sentido de sua existência, devido ao temor do contato com as paixões, é o objetivo da análise de A terceira margem. O último trabalho tenta mostrar que a intersecção entre a canção de Chico-Tom e o poema de Bandeira ocorre no nível da enunciação, modalizada por um estado passional, provisoriamente denominado de “desesperança esperançada”.

BANDEIRA-TOM E CHICO: A DESESPERANÇA ESPERANÇADA

Tieko Yamaguchi Miyazaki (UNESP)

Aparentemente Tom e Chico em Sabiá falam de coisas diferentes do poema O Martelo, de Bandeira. Este fala de seu cotidiano, corriqueiro. Aqueles, da (im)possibilidade do sujeito, exilado, voltar para a sua pátria. No entanto, os dois textos provocam no leitor um mesmo efeito de sentido, um mesmo feito passional. Essa semelhança se deve ao fosso observável, tanto no poema quanto na canção, entre o dito do enunciado e o dizer da enunciação. Descompassado que só um exame da enunciação, dos expedientes retóricos, das modalizações utilizados, pode nos explicar isso que chamamos, provisoriamente, de “desesperança esperançada”.

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO: PÃOOLHÃO, LUGAR DE ORIGEM

Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza (UNAERP)

O conto “Seqüência”, da obra Primeiras Estórias de Guimarães Rosa, permite refletir sobre crise de modalidades, em especial da ordem do dever e do querer, e a combinatória complexa que pontua um Sujeito virtual, com vistas à atualização e realização ao longo de sua travessia. Avaliando as modulações do sentido, sua “realidade flutuante” segundo Denis Bertrand, revela-se o jogo tensivo entre elas, sem impedir a continuidade do percurso.

O dever querer, como resultado da modulação, abre caminho para outra “querência” que se impõe à chegada do Pãoolhão, (des)velando o ponto de partida.

O MEDO COMO PAIXÃO

Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (UNESP), Maria Célia de Moraes Leonel (UNESP)

A semiótica greimasiana concebe, no discurso, as dimensões pragmáticas, cognitivas e passionais, respectivamente modalizadas pelo fazer, saber e sentir, que correspondem a um sujeito da ação, um sujeito cognitivo e outro passional. Essas três dimensões compõem a figura do ator.

Na década de 60, os estudos semióticos de base greimasiana, privilegiando o nível narrativo do percurso gerativo de sentido, focalizam um dos modelos virtuais desse nível: o actante sujeito. Revestindo esse modelo actancial, no nível do discurso, com o papel temático conforma-se um ator. Essa teoria depara-se, a partir de meados da década de 80, com os comportamentos passionais que individualizam mais ainda o sujeito, diferenciando um ator dos outros atores que compõem a cena enunciativa.

O nosso objetivo, nesta comunicação, é discutir uma das paixões humanas: o medo. Para tanto, partiremos do pequeno conto Estória nº 3, de Guimarães Rosa, para ilustrarmos as configurações discursivas, ou seja, as cenas enunciativas presentes no texto que constroem a paixão do medo, diferenciando-a de qualquer outro comportamento passional.

O PERCURSO PASSIONAL DO SUJEITO EU EM A TERCEIRA MARGEM DO RIO DE GUIMARÃES ROSA

Vera Lucia Rodella Abriata (UNAERP)

Esse trabalho analisa o percurso passional do sujeito “eu” do conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa, sob a perspectiva da semiótica tensiva. Analisam-se as relações entre a instância da enunciação e do discurso enunciado com base na descrição das modulações da presença e da ausência que engendram as modalizações existenciais. Nesse aspecto, objetivamos demonstrar como o sujeito “eu”, no presente da enunciação, é um sujeito cognitivo que se percebe esvaziado em relação ao sentido de sua existência - “sou o que não foi” - porque ao longo do travessia existencial se revelou um sujeito temeroso de entrar em contato com as paixões que a ausência do pai lhe provocavam. É importante lembrar que, segundo Jacques Fontanille, as paixões como o medo, o temor, o terror implicam uma repulsa em relação ao outro (sujeito ou objeto do mundo) e, assim, são incompatíveis com o esquema canônico da busca que supõe ao menos uma relação de atração entre o sujeito e seu objeto-valor.